

PAULA OTTONI

A Destinada

Até onde você iria
por **amor?**



Prólogo



A única coisa que eu conseguia ver com clareza era o homem a poucos passos, o meu alvo... Se ainda me restasse alguma força. Tudo o mais não parecia existir, apenas um borrão de cores e formas ao meu redor.

É claro que tinha de restar alguma força, ou tudo o que eu passara não teria valido de nada. Eu sabia exatamente o que fazer, mas tudo parecia tão irreal e tão doloroso que a cada batida do coração eu me sentia mais fraca e vulnerável.

Heroísmo é para heróis, eu sempre soube disso. E o problema é que eu nunca fui uma heroína. A despeito de tudo o que parecia sensato, porém, lá estava eu, lutando até a última fagulha de esperança, usando de cada fiapo de resistência que meu frágil e despreparado corpo oferecia, infringindo a lei natural das coisas... Salvando a vida da pessoa que amava. Ou melhor, *tentando* salvar.

Era a segunda vez que eu via essa cena. Apesar de ter visto antes, na minha mente, com a mesma nitidez, agora era real, avassaladoramente real. E nesse instante eu estava lá, de espectadora, esperando reunir coragem suficiente para agir.

O barulho estrondoso veio da arma. O som mais terrível do mundo. Naquele segundo, meu universo desabava.

Havia muitas coisas que eu queria dizer para expressar a dor que atingia meu peito e que nada tinha a ver com dores físicas. Mas, no minuto em que eu soube que ouviria aquele som explosivo e nauseante, tudo o que consegui emitir através de meus lábios secos foi um longo e desesperado grito.

1. Visão



“O destino é o que embaralha as cartas, mas nós somos os que jogamos.”

William Shakespeare

Havia um trem andando sobre os trilhos, numa paisagem repleta apenas de árvores e campos vazios. Era madrugada e a lua brilhava no céu, parcialmente encoberta por nuvens densas. O sopro gelado passeava pelas janelas do trem, especialmente em uma, toda aberta, deixando o vento frio adentrar a cabine. Havia apenas um passageiro no vagão. Ele deixava o cabelo ricochetear em seu rosto pelo vento vindo da janela escancarada.

Era um homem jovem. Mas era difícil ver seu rosto, pois os cabelos grandes e escuros o encobriam à medida em que o vento batia neles em sentido oposto. Ele não parecia ligar para o frio que fazia, parecia gostar de estar sozinho na companhia da brisa noturna.

Seus olhos finalmente se cansaram de ver a paisagem escura e monótona. Fechou-os e inclinou suavemente a cabeça para trás, para encostá-la no banco. O vento ainda brincava com seus cabelos quando o trem parou.

Os olhos do homem se abriram por reflexo, porque ele tinha certeza de que ainda não tinham chegado ao destino final. E não havia escala. O homem não conseguia imaginar os motivos para o trem ter parado tão de repente, nesse lugar vegetal, onde nem havia estação.

Finalmente começou a notar o frio. Mas talvez seu tremor não estivesse relacionado à temperatura ou ao vento, e sim ao som de passos chegando mais perto.

Não era a movimentação de passageiros, já que não havia mais nenhum além dele próprio, pelo que sabia. Congelado no banco, o rapaz não

conseguiu olhar para trás. Temia o que veria. A porta do vagão tinha sido aberta silenciosamente, alguém o invadira.

Eram passos cautelosos, vindo diretamente para as primeiras filas de poltronas, onde ele estava: o homem de cabelos escuros encoberto pela escuridão da noite, que tremia compulsivamente – porque talvez ele soubesse o que esperar.

E no instante seguinte ele encarava dois homens grandes e fortes, que usavam toucas cobrindo toda a cabeça, permitindo que se vissem apenas seus olhos sombrios. O viajante se ergueu do acento, pensando em gritar. Mas antes que tivesse tempo para isso, os silenciosos encapuzados o amordaçaram e amarraram seus pulsos. Rápida e cautelosamente, esgueiraram-se pelo corredor, carregando o jovem, e pularam do trem já em movimento, levando o rapaz.

Acordei assustada, fazendo o possível para manter em meu peito o grito que se formara.

Ofegando, sentei-me na cama e esperei que meus batimentos cardíacos voltassem ao normal; o grito também não saiu. Então comecei a chorar, mas tentei ser silenciosa, para que minha mãe ou minha irmã não ouvissem.

Não conseguia acreditar que aquele pesadelo estava começando de novo. E era quase que *literalmente* um pesadelo. Mas eu sabia bem demais que eram minhas visões. E era isso que me incomodava, porque não me importava de sonhar com coisas ruins, se eu sabia que era tudo mentira. Mas com minhas visões era diferente. Era real demais, e era *verdade*. Algo assim iria acontecer com alguém, talvez essa noite mesmo. Talvez estivesse começando *nesse instante...*

Bem, é isso. Eu sou vidente.

Não é uma palavra que eu goste muito de usar para nomear isso, mas é a que todo mundo entende. Não que muitas pessoas saibam que tenho esse dom, mas todo mundo já se habituou a chamar aqueles que veem o futuro de videntes – o que não me agrada muito, porque a imagem de vidente que sempre aparece na minha cabeça é a da mulher com um turbante, que atende pessoas em tendas, em troca de dinheiro não merecido. É não merecido porque a maioria delas é charlatã, não tem poder sensitivo nenhum e abusa da ingenuidade de pessoas iludidas. Não

que não haja videntes sensitivas de verdade nesses lugares, mas tanto faz.

Tanto faz porque eu não uso um lenço na cabeça e nem fico misturando cartas de tarô.

Além do mais, não se deve cobrar por esse tipo de serviço – pelo menos foi o que aprendi em meus dezoito anos. É algo que se faz de graça para as pessoas a quem se quer ajudar. Porque se você vê um destino ruim para alguém, é legal avisar a essa pessoa, para que ela mude de ideia quanto a alguma decisão que tomou.

Por exemplo, se alguém resolveu viajar de carro para o Arizona e você ficou sabendo por meio de uma visão que o carro dessa pessoa vai bater nos trinta quilômetros finais da viagem, avisaria a ela, para que desistisse da viagem o quanto antes?

Pelo menos é o que eu faria. É o que eu faço sempre. É o que estou destinada a fazer para o resto da minha vida – e sem cobrar nada.

Ainda mais se essa pessoa é sua tia. Ou o seu pai, sua avó, sua mãe, sua irmã, ou quem quer que você ame, esteja correndo perigo e você saiba.

Porque não é inevitável. Sabe como é, mudar o destino. O destino não é algo que está gravado profundamente numa pedra. Ele pode ser apagado e refeito. Dependendo da decisão que você toma, outro destino vai ser traçado para você, até que você vá lá e mude ele de novo. É como uma árvore, dependendo da vontade dela, outros galhos vão nascendo. Mas alguém pode ir lá e tirá-los, desviando a árvore a crescer em outra direção.

Eu sou o jardineiro. Eu arranco os galhos tortos das árvores, endireitando-as até que algum outro galho perigoso nasça de novo – e eu o arranque também.

Já deu para perceber que minha família deve me achar algum tipo de heroína. Meu pai, meus avós, minha tia e as pessoas a quem já ajudei provavelmente me consideram alguma bênção dos céus, apesar de não saberem bem o que sou, porque nunca contei. Sabe, tem muita gente que não acredita nessas coisas e acha que é tudo coincidência.

Mas as duas pessoas que conviveram comigo todos os dias durante dezoito anos – onze para Vicky – sabem que é um pouco mais do que isso. Inclusive se têm que me ouvir gritar durante quase todas as noites. Porque normalmente vejo as coisas quando estou dormindo.

Mas também nem sempre são coisas ruins. O pior é quando é mui-

to bom e não acontece, por alguma mudança de planos repentina. Por isso nem sempre fico empolgada com alguma coisa boa que veja acontecendo, ainda mais se for comigo. Só tento seguir aquilo que acho que vai gerar aquele acontecimento bom e espero para ver o que dá no final. Às vezes coincide, às vezes não.

Por isso tento seguir minha vida normalmente, tentando até esquecer essa anormalidade que possuo, só me lembrando dela quando uma coisa bem ruim vai acontecer.

O negócio é que já havia muito tempo que não tinha visão alguma. Muito tempo mesmo. Desde meus dezesseis anos isso havia parado. Pensei que esse dom tinha me abandonado de vez, apesar de sempre desconfiar de que não seria assim tão fácil. Não adiantava eu querer apenas. Sempre voltava.

Mas por que agora? Depois de dois anos sem *ver* absolutamente nada... Era frustrante!

Não que fosse algo totalmente ruim. Por conta desse dom, eu já havia evitado que coisas horrorosas acontecessem.

Mas é muita responsabilidade. É como se eu estivesse cuidando das pessoas o tempo inteiro, sempre com medo de não dar tempo de avisá-las e me sentindo culpada se algo acontece. Além do mais, não é agradável ficar tendo visões.

Sem falar que não vejo o que quero, quando quero. E já tive problemas psicológicos com isso. Eu tinha medo das visões. Minha mãe precisava me acolher, ouvindo-me chorar a noite inteira, porque eu ficava com medo de dormir. Vai ver é por isso que elas pararam. Por causa do meu próprio bloqueio.

Só que não conseguia entender por que voltaram naquela noite e de uma maneira totalmente atípica, já que geralmente eu via coisas perto da minha realidade, com pessoas que eu conhecia.

E eu não conhecia aquele homem.

O que é que esse cara tinha a ver comigo?

E aquele lugar não era Iowa, ou o Brasil. Não era nenhum lugar que eu já tivesse ido.

Sequei os olhos com o lençol e me deitei de novo. Não conseguia mais dormir. *Era disso que eu estava falando.* Não dormiria nunca mais.

Mas, para minha grande surpresa, acabei mesmo pegando no sono.

Apenas algumas horas antes, tudo parecia normal. Nenhum indício de que aquela visão chegaria para virar meu mundo pelo avesso.

Eu chegara em casa e logo depois mamãe e Vicky apareceram, vindas da festa de aniversário das minhas primas gêmeas, Kate e Anne, filhas da minha tia Vanessa.

Eu bem que gostaria de ter ido com elas, mas não havia como eu deixar de comparecer à minha entrevista de estágio. E nem no advogado, se a gente queria que *aquele* problema fosse resolvido.

Meu pai... ou melhor, *Daniel* não ficaria nada feliz.

Mas o que podemos fazer se ele resolve cancelar toda a pensão só porque eu fiz dezoito anos e mamãe arrumou um emprego melhor? Sem dúvida mamãe é a melhor confeitadeira de Iowa. De Des Moines, pelo menos. Mas nem por isso pessoas de todos os cantos dos Estados Unidos aparecem na confeitaria. Não que muitas pessoas visitem Des Moines. Deveriam. É uma cidade bem legal. Mas provavelmente ninguém ouviu falar (muito menos da confeitaria Sweet Candies).

Tudo bem que não há nada confirmado a respeito do não-pagamento da pensão daqui para frente. Meu pai pode realmente ter tido algum problema e não ter podido depositar o dinheiro ainda. Mas o que, afinal, nós podemos pensar quando já faz quinze dias que o dia de depositar passou e o cara que se diz meu pai não pode ser encontrado em nenhum telefone existente? Cansamos de ligar e ouvir a voz da secretária eletrônica.

É óbvio que ele decidiu que, agora que sou maior de idade, posso ganhar meu próprio dinheiro – e ele não está errado. Eu arrumaria um emprego mesmo que ele continuasse me ajudando mensalmente, porque tenho consciência de que uma faculdade custa muito caro e eu quero ajudar de alguma forma.

Mas a questão não sou eu. É minha irmã, que tem onze anos e uma vida escolar inteira pela frente. Decidimos dar a Daniel um prazo de mais quinze dias. Se ele não der as caras, aí vamos entender de que lado ficou.

Não que eu nunca esperasse algo assim dele. Sempre foi um pai ausente, mas também nunca fez nenhum mal a nós nem deixou de cumprir com seus deveres. Eu acreditei minha vida inteira que ele gostava de

nós, só tinha um jeito meio despreocupado de ver a vida. Mas, sinceramente, se os quinze dias se esgotarem, vou começar a questionar minhas crenças.

E não é como se pudéssemos pegar um carro para encontrá-lo na casa dele. Alguns países de distância realmente fazem a diferença nessas horas.

– E como foi o seu dia? Foi tudo bem lá? – minha mãe perguntou, agitada, ao se lembrar subitamente de onde eu estivera aquela tarde.

– O que quer saber primeiro?

– A entrevista.

– Ah, certo. Hum... eu fiquei muito nervosa, como era de se esperar. E, bom, acho que fiz o que pude. Deu um branco em algumas respostas, mas se eles não levarem isso em conta eu tenho uma chance. Meu currículo era melhor do que o dos meus concorrentes.

Todos os candidatos ao emprego estavam no ensino médio ainda, como eu. Mas certamente minhas notas e meus inúmeros idiomas fluentes faziam a diferença.

As notas eu valorizo, claro. Mas nos idiomas eu não vejo grande coisa. Como se eu pudesse ser mais capaz do que alguém só por falar um italiano fluente. Ou por ter português como segunda língua – ou primeira, sei lá, porque agora eu moro nos Estados Unidos e minha língua número um é o inglês.

É uma droga perder tempo estudando italiano, quando já sou bilíngue por ter dupla nacionalidade. E, tudo bem, eu tive escolha, mas só na hora de optar pela próxima gramática – como se não bastassem duas. Já que eu descartei o espanhol, o francês e o alemão, só me restou uma opção viável. É bem inútil, mas mamãe não pensa assim. Para ela, quanto mais línguas eu falar, melhor minha qualificação e meu aprendizado. Eu podia estar usando meu tempo para aprender outro instrumento, já que gosto de música e não preciso de mais aulas de piano. Mas não. Tenho que ir para aquele curso chato. Até parece que um dia eu vou para a Itália.

– E o advogado? – a voz de mamãe me tirou das minhas reclamações mentais.

– Ah, eu o deixei de sobreaviso. Qualquer passo em falso de Daniel e ele entra em ação – respondi, meio ressentida. Talvez quando – ou se – meu pai souber que a justiça está atrás dele, nunca mais vá querer que eu o visite. Ainda que ele mereça isso, poxa, é meu pai!

– Não se preocupe, não vamos deixá-lo escapar das responsabilidades. Jean cuidará disso.

Torci o nariz. Jean, o advogado, com certeza resolveria o caso, mas eu não estava contente por termos que colocá-lo na situação. Minha mãe tinha um ponto de vista bem diferente do meu. Para ela, meu pai tinha finalmente feito o que ela sempre achou que ele faria, cedo ou tarde: deixar-nos na mão de vez.

Eu podia entender o ressentimento dela, depois de anos separada do meu pai, sabendo das maluquices que ele já fez e se lembrando dos desentendimentos que tiveram. Ela o conhecia bem, mas não tinha fé nenhuma nele, em seu caráter. Mamãe já estava pronta para atacá-lo com seu amigo advogado. Eu que ainda insistia em esperar mais um pouco, tonta e esperançosa como era. Não queria acreditar que tinha um pai que não ligava nem um pouco para as filhas.

Nicole, a mulher que me carregou na barriga por longos nove meses, sabia que isso não era fácil. Não me refiro a ganhar o processo, porque era certo que ganharíamos. Refiro-me ao que talvez ela também estivesse pensando. Sobre a postura do meu pai depois disso. Ele poderia não me querer mais lá, no Brasil, na casa dele. E isso era péssimo.

Eu gostava do Brasil. Do Rio Grande do Sul. De Caxias do Sul. Eu *nasci* lá. Por mais norte-americana que eu possa me sentir agora, esta não é minha verdadeira nacionalidade. Minha mãe que é estadunidense e se apaixonou por meu pai brasileiro. Moramos lá até ela decidir que não queria mais dividir o mesmo teto com ele. Então me tornei uma cidadã do estado de Iowa. No início, uma cidadã da área rural, porque fomos morar na fazenda do meu avô materno, Robert.

Ficamos com meu avô em Jackson County até meus treze anos (cheguei lá com sete). Até que mamãe decidiu que a vida campestre não era o melhor para nós três. E mais uma vez partimos em busca de um bom lugar para chamar de lar. E achamos. Uma casa cor-de-rosa mais ou menos perto do centro, na capital do estado, Des Moines – onde estamos até hoje.

Já gosto de morar aqui. Mas vou ter que decidir onde farei faculdade. E confesso que ainda tinha esperança de fazer no Brasil, onde tem o meu pai.

Mas depois disso tudo...

– Não fique chateada, meu bem – disse minha mãe, adivinhando

meus pensamentos. – Você ainda pode ir para a Universidade de Iowa. Não é tão ruim assim, é? E olha, seu pai é mesmo um grosso. Foi por isso que me separei dele.

Isso não melhorou muito o meu ânimo.

Mas, em todo o caso, eu ainda não tinha sido aceita em universidade nenhuma. Talvez, dentro de umas semanas, recebesse as cartas de algumas delas. Mas nada garantia que me aceitariam.

Quando comentei isso com minha mãe, Vicky se manifestou.

– Não seja boba, é claro que vão te aceitar. Se eu tivesse suas notas iria até para Harvard.

Certo, Vicky era exagerada.

– Sua irmã tem razão. Não tem com que se preocupar – mamãe repetiu no que parecia a centésima vez naquelas últimas semanas; os olhos vidrados na televisão, que passava *Lost*. Então ela comentou algo como: – Esse não é aquele brasileiro, o Santoro?

E percebi que finalmente a conversa havia mudado de foco, o que era bom, porque eu não queria pensar em mais nada disso. Nem em meu pai e nem nas faculdades. Só o que eu queria era um pouco de descanso, físico e mental. Aquele programa definitivamente também não me trazia nenhum descanso mental.

O sangue escorria da cabeça de um dos ilhados quando anunciei:

– Acho que vou para a cama. – Uma ilha repleta de perigos e pessoas machucadas certamente não era do que eu precisava.

Minha mãe, que parecia incapaz de desgrudar os olhos da tela, acenou para mim, mandou um beijo e disse que havia alguns doces na cozinha.

Rumei para lá, onde imediatamente encontrei roscas açucaradas, e me lambuzei. Um hábito nada saudável, eu tinha consciência, mas como não era diabética nem nada, jamais tentei ignorar os deliciosos doces da minha mãe.

Eu ainda tinha uma semana de aulas. A última antes da formatura.

Ainda bem que era a última. O ensino médio pode ser realmente muito estressante. Por outro lado, porém, sentia-me insegura quanto ao futuro. Ainda não sabia o que viria depois dessa semana. Não havia nada certo. Nada até eu receber alguma bendita carta de admissão em uma universidade...

Depois de exterminar os doces, subi para meu quarto, tentando

avaliar a quantidade de calorias que havia ingerido. E concluí que não deviam ser tantas assim, já que aquela calça jeans ainda me deixava dentro de padrões físicos aceitáveis. Sempre fui magra – apesar haver grande possibilidade de isso mudar, se eu continuasse adotando essa rotina calórica e sedentária.

Gastei meus últimos minutos antes da meia-noite no banheiro, tentando limpar a quantidade excessiva de maquiagem do meu rosto – que eu tivera de passar para causar boa impressão na entrevista.

Desanimei-me ao olhar meu rosto limpo de base e ver as olheiras nos mesmos lugares de antes. Estavam ali, como sempre, no rosto comum e branco, emoldurado pelos cabelos mais claros que alguém poderia ter. Penteei os fios loiros, praticamente brancos perto da raiz, que brotavam da minha cabeça até o início da cintura. Imaginei o quão albina eu podia parecer para um observador distante. É óbvio que eu não era, a cor do meu cabelo vinha de uma combinação genética bem inevitável.

Meu pai é loiro, mas tem os cabelos dourados e a pele morena. Eu bem que podia ter nascido assim, mas puxei a brancura de minha mãe, que tem ainda menos melanina que meu pai. Dele só peguei os olhos naquela cor clara e indefinida, que eu chamo de *cor-de-chá*, uma coisa meio esverdeada e sem graça, ao contrário dos de Vicky e mamãe, que parecem esmeraldas num tom vivo e lindo de verde. E ainda que Ashley possa insistir que adoraria ter meus cabelos e que qualquer garota gastaria uma grana para conseguir a cor e a textura, eu ainda não conseguia encontrar graça neles.

Então deitei. E antes que pudesse começar a pegar no sono, o celular apitou.

Era um alerta de mensagem. E eram meia-noite e cinco. Bufando, arranquei o celular da cômoda e olhei raivosamente para o número que me incomodara.

Era óbvio. Tinha que ser a Ashley.

A mensagem, completamente desnecessária.

Eliza Stewart, você não vai acreditar! Michael vai ao baile comigo! Ele me convidou hoje. E você, vai com quem? Quem sabe o Ryan? Ele está louco pra ir com você.

Ela interrompeu meu sono para dizer *isso*. Tudo bem, Ashley é minha melhor amiga, mas poderia muito bem falar essas coisas no dia

seguinte. Além do mais, já havia deixado bem clara a minha opinião sobre o assunto.

Bem, talvez não clara o *suficiente*. Então resolvi reforçar.

Que ótimo pra você, Ashley! Mas EU não vou ao baile de formatura.

Em menos de dois minutos, ela me mandou uma resposta.

Eu não acredito que ainda esteja com essa ideia RIDÍCULA. É o ÚLTIMO baile, Eliza!!!

Ao que respondi:

Não adianta insistir. E Ryan não é o tipo de par que eu vá querer.

Depois dessa última mensagem, Ashley me deixou dormir. Obviamente ficou sem palavras diante do meu argumento nada esclarecedor. Apesar de ela já saber o que me irritava nos bailes, nunca saberia como é estar de fato na minha pele.

Porque Ashley Willians jamais saberia o que é ser rejeitada. Porque Ashley Willians é linda e consegue qualquer atleta bonito do colégio para ser seu par sem o menor esforço. E porque ela, obviamente, nunca tropeça no salto agulha, além de ser uma ótima dançarina.

Por que eu teria algum motivo para ir ao baile ao lado de Ashley Willians, e o PIOR: ao lado de *Ryan Brown*? O cara é o maior idiota. E ninguém, além de Ryan, parece estar sequer remotamente interessado em me convidar para esse baile.

Eu gosto bastante da Ashley. Ela não é uma garota esnobe do grupinho popular. Só é legal com todo mundo, e nem um pouco desajeitada, ao passo que eu sou tímida e impopular, por passar meu tempo livre na orquestra da escola, estudando piano. Nenhum garoto parece estar interessado em piano, muito menos no que eu tenho a dizer – provavelmente porque acham que sou muda ou coisa assim.

E mesmo que ela goste de passar um bocado de tempo comigo e não ache nem um pouquinho que sou muda, parece incapaz de entender meus argumentos anti-baile. E não a culpo.

Superei meu abalo ao ter voltado a pensar nesse baile idiota e esvaziei a mente para finalmente dormir.

Mas não consegui. Porque, é claro, aquela visão teve que aparecer para mudar tudo.

Acesse: **www.adezinada.com**

Para saber mais sobre a autora, visite:

www.paulaottoni.com

Compre o seu nas livrarias **Cultura, Saraiva e Fnac!**